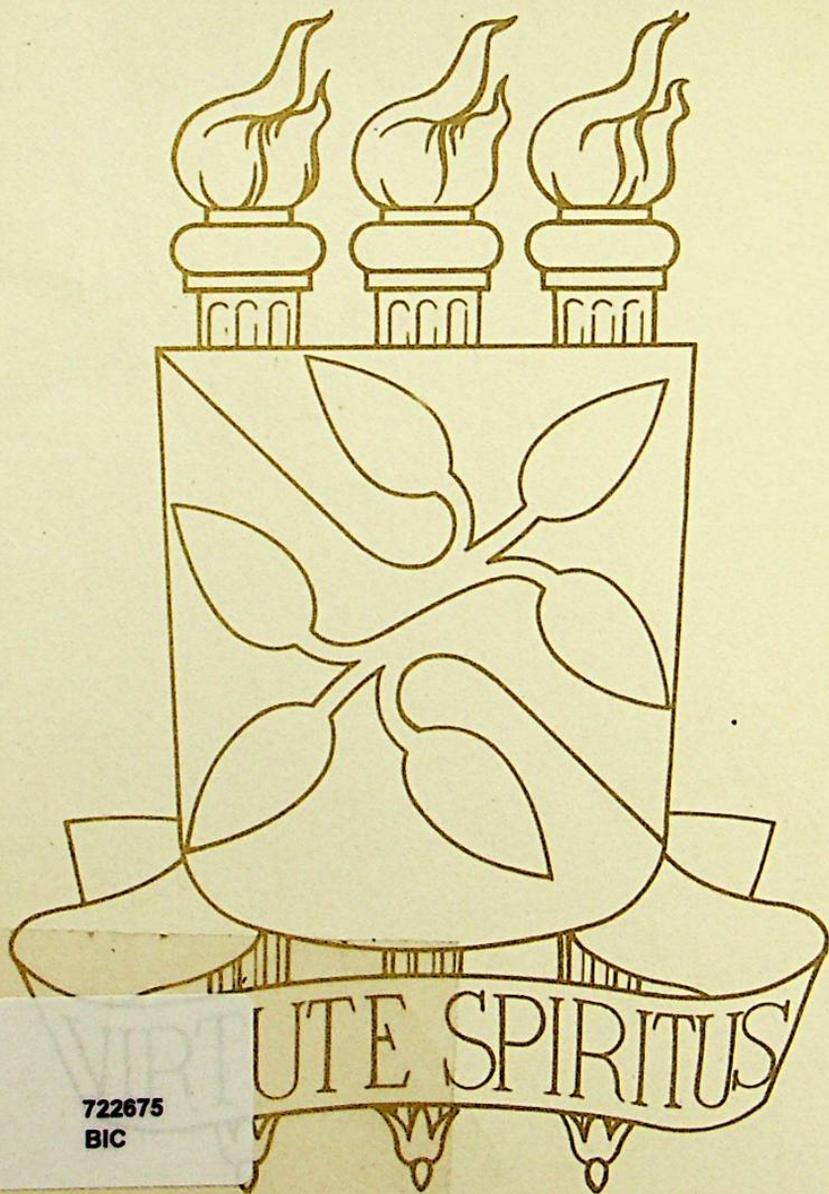


AFRÂNIO COUTINHO
DOUTOR HONORIS CAUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



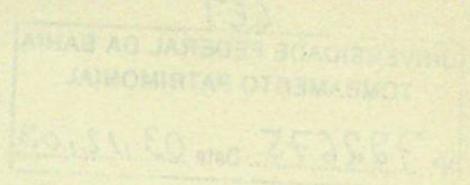
UFBA
78.25
258

722675
BIC

AFRÂNIO COUTINHO

DOUTOR HONORIS CAUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA



- 1 Apresentação
- 2 Discurso de saudação do Prof. David Sales
- 3 Discurso de agradecimento do Prof. Afrânio Coutinho



COLEÇÃO "HONORIS CAUSA"

NÚMERO 2

SALVADOR, BAHIA, 1981

BN000355607

AFRÂNIO COUTINHO

DOCTOR HONORIS CAUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

LET

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 TOMBAMENTO PATRIMONIAL
 Nº 722675 Data 03.12.03



F/UFBA
 378.25
 A258

COLÉGIO "HONORIS CAUSA"
 NÚMERO 2
 BAYADOR, BAHIA, 1981

APRESENTAÇÃO

1

APRESENTAÇÃO

"Meu pai, António Coutinho, tornou-se Doutor depois de
pluriannuado ao foro, para receber da Universidade Federal, o
grau de Doutor Honoris Causa."

"A sua obra, porém, não se limitou ao campo da medicina,
estendendo-se também para a literatura, a arte e a história,
deste modo honroso."

"A partir desta data, portanto, os trabalhos de meu pai,
porque a Universidade também reconheceu a sua obra e o seu
valor como Doutor."

Trabalho de apresentação do Magnífico Senhor Luís Fernando Costa de
Mendes Costa, ao encerrar o mandato de entrega do grau de Doutor
Honoris Causa, no salão nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, ao
Templo de Jesus, em 26 de março de 1961.

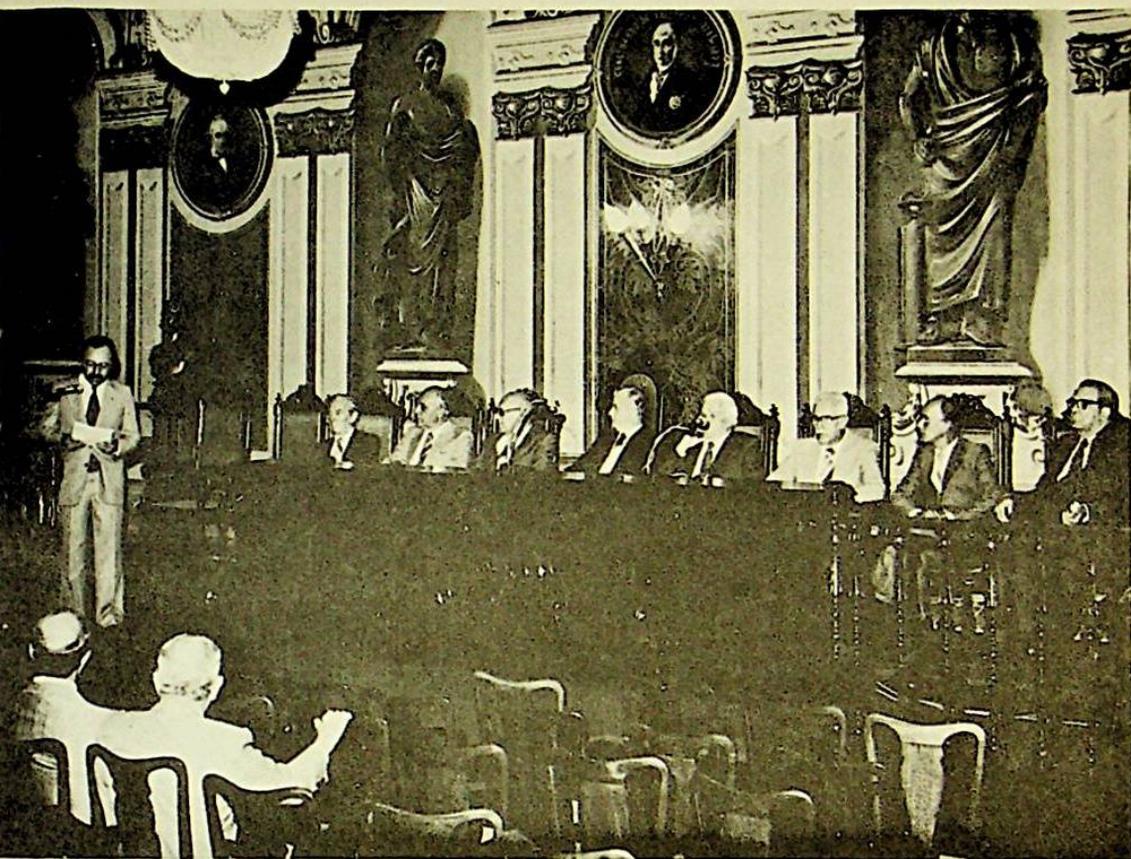
APRESENTAÇÃO

“Mestre Afrânio Coutinho retorna à Bahia, depois de glorificado lá fora, para receber da Universidade Federal, a láurea maior: Doutor Honoris Causa.”

“A sua terra natal, orgulhosa dos méritos que o consagraram, agradece-lhe os triunfos que também a exaltam, estreita-o afetuosa e envaidecida, acrescentando-lhe a bênção deste título honroso.”

“A partir desta cerimônia os triunfos serão comuns, porque à Universidade também pertencerão os aplausos a seu eminente Doutor.”

Trecho do pronunciamento do Magnífico Reitor Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa, ao encerrar a cerimônia de entrega do título de Doutor Honoris Causa, no salão nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, ao Terreiro de Jesus, em 26 de março de 1981.



Mesa que presidiu os trabalhos quando falava o professor David Salles, intérprete da UFBA. Composição da mesa da esquerda para a direita:

- Professor Orlando Castro Lima, diretor da Faculdade de Medicina e Saúde Pública.
- Professor Newton Guimarães, diretor da Faculdade de Medicina da UFBA
- Doutor Afrânio Coutinho
- Reitor Luís Fernando de Macedo Costa
- Senador Luiz Viana Filho
- Reitor José Simões, da Universidade Católica do Salvador
- Reitor José Maria Nunes Marques, da Universidade Estadual de Feira de Santana.
- Vice-Reitor José Calasans Brandão da Silva, da UFBA.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO

DISCURSO

Professor David Salles

Não direi que seja uma honra saudá-lo, Senhor Professor Doutor Afrânio Coutinho, por ser maior o prazer — por testemunhar maior o dever de fazê-lo.

Sua presença, aqui, postado em lugar de honra, que me obriga justamente a altear os olhos para vê-lo, condiz com o regozijo de todos nós em tê-lo de volta — regozijo também meu, discípulo seu de uma terceira geração de críticos literários brasileiros, que ouviram as suas lições por uma crítica centrada na obra literária.

Vê-lo aí, nesse lugar, é como se estivéssemos a reviver a parábola do filho pródigo, reescrita, em verdade, de um modo novo e generoso, como sói acontecer a um filho da Bahia e deste centro humanista de saber universitário.

Nesta hora, Senhor Professor, são mormente suas as recordações. O jovem Afrânio Coutinho daqui partiu cheio de riquezas, pois era, como antigamente se dizia, Doutor da Bahia. Mais ainda: era doutor *em* Bahia. Formado pela Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, por um lado. E também, seguramente, pós-graduado em sensibilidade artística, saber adquirido com a pátina das ruas e monumentos barrocos da cidade secular, cultura adquirida com o seu povo, esse povo baiano pleno de sabedoria humana, da qual, aliás, e muito bem, já falou em seus romances um seu companheiro de geração, Jorge Amado, também doutor (sabemos) e, quem

sabe? seu companheiro de andanças e aprendizado sensível, por aqueles tempos.

Longe está o ano de 1942, quando o jovem Afrânio partiu para dispersar, lá fora, as riquezas que levava da casa paterna, tal como na parábola do filho pródigo. Mas disto não tenhamos censuras. A retórica apaixonada de algumas de suas polêmicas, a destreza inteligente de sua trajetória humana e intelectual, o temperamento aberto e caloroso, são marcas vitais que comprovam a dadivosa dispersão das graças que a Bahia lhe entregou, mas que nunca dará aos incrédulos dessa condição mágica, e no entanto tão real: a condição da baianidade. E baiano, claro está, Afrânio Coutinho sempre soube ser.

Agora, nesse lugar de honra, passado tanto tempo, eis o filho pródigo retornado. Ei-lo aqui, nesta festa preparada para celebrar a sua volta. Algo difere, entretanto, da parábola bíblica, pois o Afrânio ido e vivido não voltou de mãos vazias. Pródigo, sim, outra vez, como ao longo dos últimos quarenta anos. Mas vejo-o trazendo outras riquezas. Delas darei testemunho, dessas riquezas devo falar, Senhor Professor Doutor Afrânio Coutinho. Por isto peço-lhe o favor de não interromper se acaso considerar que lhe ressalto as qualidades em excesso, agora que passarei a me dirigir apenas aos que aqui se reuniram para louvá-lo. Permita-me, pois, que a minha fala não se assemelhe a um elogio. Mas seja, em verdade, a narrativa de seus sucessos, contada aos que acorreram à primeira notícia de sua volta. E, ansiosos, os que aqui vieram querem saber quais foram as riquezas ajuntadas em sua trajetória universitária, em seu caminho pelo território maravilhoso das letras. Devo dizer-lhes que seu nome está hoje indissociável da história da crítica literária no Brasil, dentro e fora da Universidade. Devo dizer-lhes que sua pena esgrimou uma batalha sem a qual eu próprio não poderia estar aqui. Em suma, permita-me, Senhor Professor Afrânio Coutinho, que fale de suas lutas contra o rei, de suas discussões com Deus, como diria o poeta Chico Buarque de Hollanda. E agora, tendo-o de volta, todos nós diremos que é chegada a hora de conceder-lhe a prenda que só deve ser concedida aos que pelearam por uma causa justa.

Primeiro de tudo, minhas senhoras, meus senhores, é preciso que reavivemos a memória, com prazer e por dever, com as palavras ditas por Afrânio Coutinho, lá se vão 25 anos. São palavras proféticas as que ele disse em volume de *A Literatura no Brasil*, mais ou menos repetindo o que havia dito em *Correntes Cruzadas*:

“Já se foi o tempo em que a literatura se produzia nas mesas de café e bar. No Brasil, dentro de trinta anos, nada se fará de importante no terreno literário que não seja ligado à universidade, às faculdades de letras, entrosando o país na tradição universal ilustre de identificação da universidade com a literatura.”

Palavras proféticas! Pode-se dizer que elas talvez não se apliquem ainda à Bahia, embora seja grande o número de literatos bairros ligados de alguma forma ao labor universitário, não à boemia. Mas as palavras de Afrânio Coutinho aplicam-se rigorosamente aos grandes centros do País, ao Rio de Janeiro e sobretudo a São Paulo, onde, de fato, a classe pensante e escritora tem vínculos com a Universidade.

E não creio que o Prof. Eduardo Portella, o primeiro homem de letras a ocupar no Brasil o cargo de Ministro da Educação e Cultura, houvesse chegado a receber o respeito intelectual que mereceu como Ministro não fosse o prestígio ético e de pensamento que os literatos de extração universitária grangearam nestes últimos 30 anos, quando, como bem o disse Afrânio Coutinho, “o trato universitário imprimiu consciência técnica” à nossa própria atividade.

No que diz respeito à crítica literária, a ação de Afrânio Coutinho equivaleu à de um desbravador, de um combatente incansável, procurando retirar a consciência crítica dos literatos do impressionismo, da superficialidade, da dependência subserviente às demais ciências.

Necessário que se leia a obra de Afrânio Coutinho para aquilatar-se o grau de coerência de sua luta em favor duma crítica literária fundada em fatores intrínsecos ao próprio texto literário, uma crítica ergocêntrica lastreada na literariedade da

obra, como muito pouco, raramente, foi praticada antes desse trabalho de catequese e evangelização da atividade literária no Brasil, a fim de criar um saber crítico que, basicamente, visava à retomada dos princípios aristotélicos de visada interpretativa. Por uma crítica *poética*, assim seria resumida a plataforma da luta empreendida por Afrânio Coutinho, a partir de 1948, quando retornou ao Brasil, após permanecer cinco anos em estudos nas universidades norte-americanas.

Como se vê, nada ocorreu ao acaso. Não foi um simples milagre, nem o passar dos anos, o que faz com que também eu me considere parte duma terceira geração de críticos literários de extração universitária, descendentes da árvore comum fundada pela luta fértil e, muitas vezes, arriscada, de Afrânio Coutinho. Hoje, somos uma predominante e frondosa floresta de estudiosos e analistas da literatura brasileira, que centram seus estudos a partir do texto, da obra literária em si, a partir de seus fatores intrínsecos ou imanentes. Se recuarmos, porém, aos fins da década de 40, início dos anos 50, quando Afrânio Coutinho se instalava no Rio de Janeiro, terçando armas com os figurões da crítica literária nos jornais de prestígio, tudo muda de aspecto, o caldeirão das imprecisões nos embates terá sido bem maior.

Em convivência com a vida universitária norte-americana, porém, o jovem crítico havia aprendido que a literatura não se confunde com vida literária, que o fazer esporádico e diletante não se confunde com o trabalho contínuo, com o estudo sistemático, com a vocação da própria crítica literária para aspirar a tornar-se um saber científico sem ser ciência.

No Brasil, fins dos anos 40, início da década de 50, o quadro era bem diferente. O figurino dominante não era a crítica direta do texto literário, de que Mário de Andrade fora um pioneiro, mas a crítica de jornal, o rodapé dito literário e certamente arbitrário, o "achismo" a que Coutinho iria impiedosamente ironizar e combater nas páginas de sua coluna "Correntes Cruzadas", no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro. Dominavam os críticos de jornal... Ou então uma crítica epígona de Taine, ou curiosa de Freud, com as esperadas

pinçeladas sociológicas ou psicológicas. Raro, por essa época, era o comportamento de um Antônio Cândido, em São Paulo, introduzindo a dialética na crítica.

A refrega que envolveu Afrânio Coutinho teve, a rigor, várias frentes. Uma delas foi valorizar os próprios escritores brasileiros, subordinados, quase sempre, a abordagens com postura e mentalidade coloniais, comparativista apenas na garimpagem das influências recebidas por nossos escritores de autores europeus, dos "clássicos" europeus... Uma crítica reduplicadamente dependente, posto que, em lugar de buscar na batéia aquilo que constituísse o ouro legítimo da criação literária brasileira, — no que Tristão de Athayde era quase uma voz solitária —, preocupava-se em apontar o cascalho remanescente de leituras mal digeridas. E no entanto, sem ser contraditório, Afrânio Coutinho não intentava a xenofobia, quando então asseverava: "Para o estudo do fato literário julgo lícito e obrigatório utilizarem-se todas as contribuições, venham de onde vierem, de qualquer setor do mundo intelectual, sem distinção de nacionalidade, pois a literatura comparada ensinou a encarar o fenômeno artístico e literário de uma perspectiva supranacional".

Fundamental, para ele, era o trabalho doutrinário e teórico, o desbravamento dos problemas de princípio e método, sem o que não lograríamos, no Brasil, jamais sair da fase do empirismo e da improvisação.

Por isto mesmo, o professor, o *schollar*, o homem de letras e de front jornalístico, numa palavra, o aguerrido e atualizado Afrânio Coutinho, foi o primeiro crítico a levantar mais veementemente, no Brasil, a bandeira de uma crítica universitária, adulta, em que o estudo do texto, da retórica literária, das formas compositivas da obra, aparecesse como "o objeto capital da função crítica", no dizer de Alceu Amoroso Lima, em seu balanço sobre a crítica literária no Brasil, em palavras escritas no fim da década de 50. Acrescentava então Amoroso Lima: "Com isto, deslocou-se de novo a crítica no sentido do objeto, o que marca uma tendência decidida no sentido do abandono do amadorismo crítico por uma prática profissional,

mais cuidada, dessa atividade”.

Observem, pois, minhas senhoras, meus senhores, que é também por dever que estou, aqui, a dizer a verdade sobre Afrânio Coutinho, como estariam todos os críticos brasileiros de formação universitária, aqueles para quem a crítica literária deixou de ser um borboleteamento diletante, impressionista, e por vezes gracioso, para apresentar-se como um mister que visa precisamente — quando concretamente exercitado — a engrandecer o trabalho do criador literário, visa a diminuir as distâncias entre o criador literário e o leitor, no sentido de iluminar os significantes e os significados contidos na obra literária. Longe de ser um jogo cabalístico, que devemos condenar, como condenam todos os verdadeiros críticos brasileiros de hoje, de Antônio Cândido a Alfredo Bosi, de Fábio Freixieiro a Flávio Loureiro Chaves, de Roberto Schwars a Walnice Nogueira Galvão, todos diremos que a crítica deve estar a serviço da obra literária para alargar a sua função na comunidade humana, retirando a literatura daquele limbo onde alguns desavisados apenas a entendem como um divertimento para os ócios.

Mas é preciso ajuntar que Afrânio Coutinho não foi pioneiro apenas quanto à sua peleja por uma crítica universitária abalizada e senhora de suas responsabilidades. Ele também deve ser situado, várias vezes, como introdutor de linhas de estudo crítico e de importantes teóricos da literatura no Brasil. Cito o caso de Arthur Lovejoy e de Paul Thieghen, por não estar seguro se foi ele o introdutor dessa obra magistral que é *Mimesis*, de Auerbach. Ainda dias atrás, um professor desta Universidade lembrava-me que antes mesmo de Todorov introduzir os formalistas russos na França, e via França a moda do formalismo chegar ao Brasil, já Afrânio Coutinho citava a obra de Vitor Erlich, que, com grande competência, mas obscuramente, dera a conhecer o formalismo russo nos Estados Unidos ainda na década de 1940.

E vasto, sem dúvida, o trabalho de Afrânio Coutinho, como é avultado o número de seus livros. Numa bibliografia recente, organizada por ele próprio, são citados 28 livros, desde

o remoto *Daniel Rops e a ânsia do sentido novo da existência*, publicado na Bahia em 1935, até *Universidade, instituição crítica*: o mais recente. Isto sem falar em reedições, na direção de obras coletivas, entre as quais avulta *A Literatura no Brasil*, a que ainda farei menção mais detida, adiante. Sem falar, igualmente, das dezenas de introduções, de prefácios, de edições por ele organizadas; sem falar desta coleção *Fortuna Crítica* ora em publicação e que ele idealizou e dirige.

Perguntemos agora: será possível reunir, em alguns minutos mais, uma visão global do trabalho universitário e da obra crítica de Afrânio Coutinho? Será possível deslindar, para além de seu esforço entusiasmado, profícuo e conseqüente, quais as linhas mestras de sua trajetória?

Creio que sim. Para isto ajuda-me a observação de um crítico, que disse: "Pode-se dividir a obra de Afrânio Coutinho em dois rumos: o da luta pela idéia e o da execução serena e científica da idéia". Não há uma seqüência cronológica nesses dois rumos. Mas a primeira diretriz é dominada pelo desbravador, pelo debatedor de idéias, pelo inovador. O grande momento desse rumo está de sua volta ao Brasil até o momento em que enfeixa em volume uma seleção dos artigos publicados na coluna "Correntes Cruzadas". E nesse instante que se tornou catedrático do Colégio Pedro II com uma tese que abre uma esteira de novos estudos sobre um dos ângulos mais férteis da arte brasileira, o Barroco, e que Afrânio Coutinho carregava provavelmente no espírito em decorrência de sua herança baiana.

Um segundo rumo Afrânio Coutinho descortina sem desprezar a vigilância no proselitismo, como exemplifica o volume *Da Crítica e da Nova Crítica*. Mas este novo rumo foi marcado pela elaboração da obra *A Literatura no Brasil*, que realizou com o apoio de dezenas de colaboradores brasileiros. O primeiro volume apareceu em 1955, o quarto em 1959, quando se paraliza por dez anos, até ressurgir completa em segunda edição, com os seis volumes que se publicaram em 1969 e 1970. Muita reserva já foi feita ao resultado de *A Literatura no Brasil*. Certamente, há disparidade qualitativa entre os muitos

colaboradores, vez que nem todos cumpriram em seus estudos o que pretendia a idéia norteadora de seu organizador, isto é, de verbalizar uma crítica estética e centrada no texto. Mas o saldo é inigualável, na obra. E duas verdades são incontestas. Primeiro, foi o marco mais importante de periodização sistemática da História da Literatura Brasileira que se estabeleceu desde a obra de Sílvio Romero, que saiu na segunda edição de 1902. Em segundo lugar, as introduções a cada período estilístico, produzidas por Afrânio Coutinho, constituem um trabalho teórico-crítico, que, concretamente, foi responsável pelo estabelecimento de uma fratura entre as periodizações anteriores, que vinculavam a história da literatura brasileira à evolução histórico-política do País, e a nova periodização, fundada em critérios rigorosamente estéticos. Era a execução serena e científica da idéia a que se propusera Afrânio Coutinho. Nesse momento, torna-se diretor-fundador da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, torna-se membro da Academia Brasileira de Letras e volta aos Estados Unidos, não mais estudante, mas como *visiting professor* da Universidade de Colúmbia.

Poderia ainda falar de um terceiro rumo na trajetória de Afrânio Coutinho, inaugurado aparentemente com sua obra a meu ver mais generosa — *A Tradição Afortunada* —, de 1968. É a procura do vinco nacionalista nos escritores brasileiros, a pesquisa daquele *instinto de nacionalidade* de que certamente falou Machado de Assis. Na obra de 1968, o crítico perpassou em descoberta da tradição afortunada, demonstrando-a presente na crítica brasileira do século XIX, mas com raízes plantadas na fase sob estatuto colonial.

Parece que o crítico não ficou satisfeito. Porque essa inflexão do pensamento de Afrânio Coutinho — buscando ler a literatura com a face em que conscientemente assumimos a postura do “outro” em relação às nossas matrizes culturais européias — continuou a estar presente pelos anos seguintes. Bem o demonstra, outra vez, o pequeno ensaio “Por uma crítica brasileira”, de 1976, que acrescentou, ainda no ano passado, à segunda edição de *Crítica e Poética*, um dos livros

mais reveladores de sua trajetória intelectual.

É nesse pequeno ensaio que Coutinho diz palavras, em meu entender, de uma formidável clarividência para a articulação dos postulados estéticos com a consciência crítica, que não devemos perder, de que somos *brasileiros*. Somos *brasileiros* por uma específica formação, por uma específica tradição, por uma inconfundível inflexão ideológica que nos faz diversos dos padrões europeus e coloniais de nossa formação. A respeito dessa *diferenciação*, diz Afrânio Coutinho no ensaio "Por uma crítica brasileira":

"Por que não procuramos apurar o que de *brasileiro* existe em nossas letras e artes? Quando começaremos a compreender o grito de José de Alencar e o de Mário de Andrade em favor de nossa originalidade, de nossa capacidade de fazer arte e literatura realmente brasileiras? E quando os nossos críticos resolverão encarar a nossa literatura pelo que ela possui de brasileira e não de repetição de padrões estrangeiros?

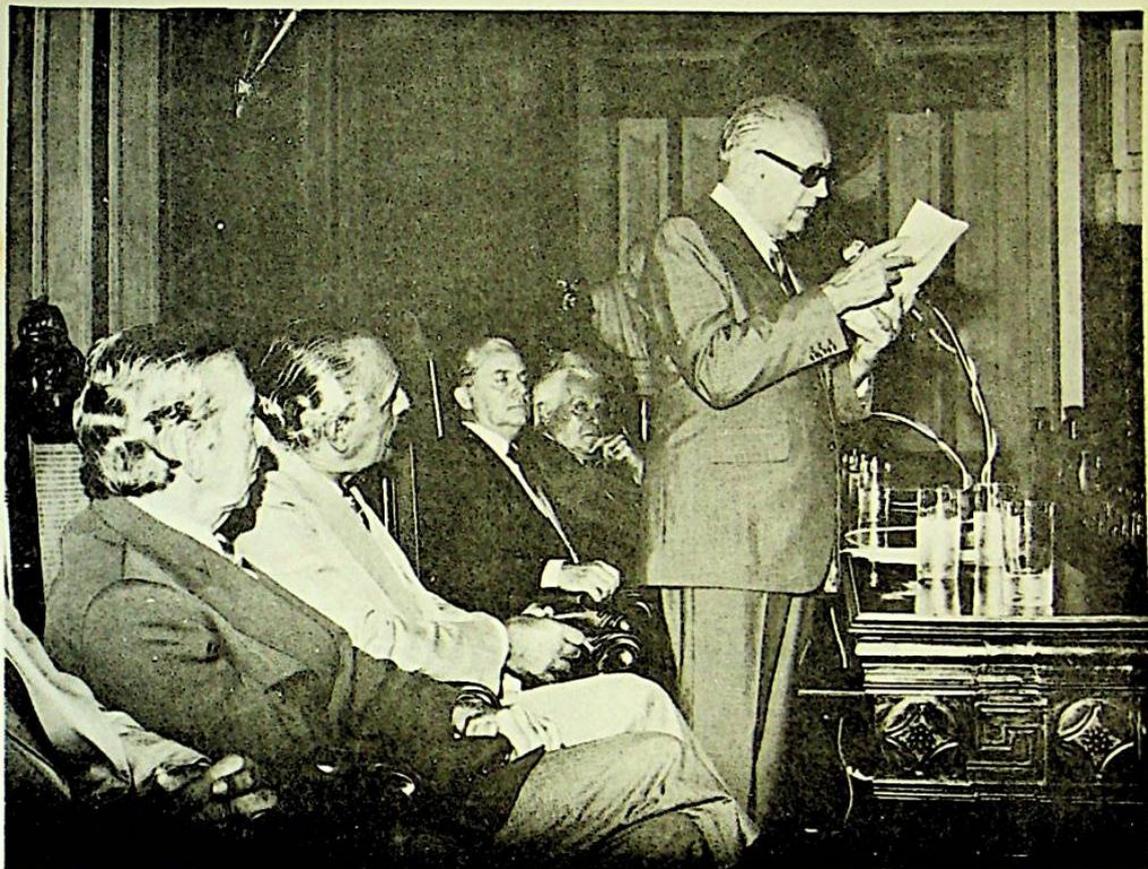
"Há uma linhagem *brasileira* que atravessa os nossos quatro séculos, desde Anchieta e Gregório de Matos, buscando incorporação temática brasileira e propondo projetos literários de essência nacional. Essa linhagem exige valorização crítica. (:..) Resta concientizarmos essa atitude. E, sobretudo, torná-la consciência crítica".

É tempo de terminar. É tempo para afirmar que o pouco que disse é verdade, somente a verdade, não mais que a verdade sobre Afrânio Coutinho.

Afinal, por tudo o que ficou dito, posso concluir lembrando que não vim aqui para elogiar Afrânio Coutinho. Vim para expressar os motivos pelos quais seria um prazer e um dever fazê-lo. O elogio é feito pelos que aqui estão para louvar o filho pródigo retornado, o elogio é feito pela Universidade Federal da Bahia, que, mais uma vez, irá conceder-lhe um título de Doutor da Bahia.

Tenho dito.

(Salvador, março de 1981)



O Doutor Afrânio Coutinho agradecendo as homenagens.

DISCURSO

Professor Afrânio de Azevedo

A vida, que é mais realização do que luta, que é mais
Marshall de Azevedo, curando-se de um tempo, e não se pode
compreender-me pelo lado, e não se pode, e não se pode
entender.

3

DISCURSO DE AGRADECIMENTO

Em seguida, foi uma noite de silêncio, e depois
estímulo, e a realidade, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
des-umigo, que que nos dá, e a realidade, e a realidade,
da, e a realidade, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
pela a realidade, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
ter.

Dei-me uma vez, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
em um círculo, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
ram que a realidade, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
também a realidade, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
ter.

Compreensão, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
estímulo, e a realidade, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
ter.

Compreensão, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
estímulo, e a realidade, e a realidade, e a realidade, e a realidade,
ter.

DISCURSO

Professor Afrânio Coutinho

A vida, que é mãe e madrastra a um tempo, como diria Machado de Assis, cumulou-me de afagos, como a querer compensar-me pela ferida, ainda sangrando, que abriu em meu coração.

São mil benesses que me põem atônito.

Primeira de todas, fez-me nascer nesta terra, e de gente amorável. E não é em vão que se vem à vida neste recanto paradisíaco, nesta cidade altamente civilizada e de fecundo poder civilizatório.

Em seguida, foi uma série de prêmios: capacidade, estímulo, tenacidade, gosto do estudo. Proporcionou-me grandes amigos, uns que me deram os empurrões para a caminhada, outros que me embeberam do doce leite da ternura humana, pois a amizade e o amor são os maiores prêmios que podemos ter.

Deu-me uma vocação e uma carreira, colocando-me na boa trilha, com excelentes oportunidades. E como me ensinaram que a oportunidade só tem um fio de cabelo, aprendi também a agarrar-me a ele com dobrada fúria.

Compreensível, agindo na qualidade de mãe, ela foi assim acumulando em mim, uma após outras, dádivas e vitórias.

Concedeu-me duas cátedras de Literatura — no Colégio Pedro II e na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Premiou minha atuação nestes postos com a

nobreza da Emergência nessas duas instituições. Deu-me alento para criar aquela Faculdade de Letras. Antes já me havia integrado no corpo docente da Faculdade de Filosofia da nossa Bahia.

Elevou-me à mais alta honraria a que pode aspirar um puro homem de letras — a Academia Brasileira. Por acréscimo me propiciou a congênere instituição de minha terra. Recentemente, ainda me proporcionou ser membro do mais elevado tribunal do ensino entre nós, o Conselho Federal de Educação.

Fez-me viajar pelo mundo, sem que jamais suspeitasse essa possibilidade, baldo de recursos como somos os trabalhadores intelectuais.

Forneceu-me um jardimzinho para cultivar, e nele vi germinarem e crescerem duas plantas raras e preciosas, ao aconchego de um grande amor.

Um dia saí desta gleba amada e, ao meditar de mim para comigo, não consigo vislumbrar as razões que levam um a migrar. Força do destino? Ânsia intelectual? Ímpeto para lutas em arenas mais amplas? Ninguém saberá jamais decifrar o enigma. O fato é que a gente sai. E eu saí. Não me faltaram desejos de voltar. Mas não se volta uma vez partido. *We can't go home again*, disse o romancista americano. Fica-nos o travo de haver partido.

Um dia juntei os trapos e pus-me a caminho. Fui para longes terras, chamado por aquele grande brasileiro e grande baiano — Otávio Mangabeira, a quem rendo neste instante o preito de minha admiração e saudade.

Estudei, estudei, estudei. Ganhei experiência, e nada melhor do que o estrangeiro para fazer-nos perder as ingenuidades e a timidez. A personalidade se consolida.

De regresso, em doze anos era admitido na Academia Brasileira de Letras.

Foi intensa a atividade intelectual.

Todavia, aqui à puridade vos digo, meus caros conterrâneos e amigos. Tudo o que consegui fora, todos os postos e prêmios, não foram obtidos gratuitamente.

As cátedras, a Academia, eu as conquistei porque quis.

Não me foram dadas. Eu as arranquei à força. Com a seiva forte de minha baianidade, que daqui levei.

Por isso dou maior valia a este prêmio que me concedeis agora.

É que ele partiu de um movimento exclusivo do coração. É uma dádiva de amor, de amizade, de fraternidade, um ato espontâneo de baianidade. São os baianos, os meus companheiros e colegas que visam premiar o baiano, que se orgulha de ter vivido baianamente.

E esse gesto puro é feito com sutileza de cálida amizade pela voz desta vitoriosa Universidade Federal da Bahia, na qual comecei minha carreira no magistério superior. E com ainda maior sutil significação da parte do Reitor Luís Fernando Macedo Costa, ao realizar esta festa neste augusto salão, onde assisti alguns dos mais belos prélios do espírito, e de onde saí com o meu anel de esmeralda.

Que posso dizer-vos para testemunhar-vos minha gratidão? De logo, afiançar-vos que não esqueço a Bahia. Ela vive no meu coração, no meu cérebro, nas minhas veias, no meu sangue, na minha memória, na minha saudade. A Bahia é mágica.

Conheço esta vetusta e sempre nova, esta espetacular Cidade do Salvador, como a palma de minha mão. Amo-a de todo o coração. De longe, revejo em espírito as suas belezas naturais, a sua esplêndida paisagem, os seus recantos, os seus crepúsculos, as suas árvores, as suas calçadas, a sua viração gostosa, as suas praças, ah! o Campo Grande, onde nasci e que atravessei anos a fio em busca do Colégio dos Maristas. Como sinto os perfumes e ouço os pregões antigos de nossa terra tão rica de espiritualidade. A tudo aqui minha alma é sensível. Só com esta declaração de amor filial é que posso traduzir a emoção de estar entre vós recebendo das mãos do Magnífico Reitor Luís Fernando Macedo Costa e do egrégio Conselho Universitário a enobrecedora comenda de Doutor Honoris Causa que o Instituto de Letras decidiu prender ao meu peito. Em Luís Fernando Macedo Costa, como um símbolo de todos vós, eu centralizo minha gratidão. E a David Sales, que

interpretou o sentimento amigo, não menor agradecimento.

Do fundo de minha baianidade comovida, eu vos agradeço.

Discurso pronunciado pelo Professor Afrânio Coutinho a 26 de março de 1981 no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, em agradecimento no ato de concessão, pela Universidade Federal da Bahia, do título de Doutor Honoris Causa.



Parte da assistência

 Composto e impresso na
Gráfica Universitária
Salvador - Bahia

Afranio Coutinho :



BIC

722675



Afranio Coutinho :



BIC

722675